

Desvela-me a ti mesmo: leitura heideggeriana da Alegoria da Caverna

Aluno: Roberto Carlos Pignatari

A filosofia heideggeriana, que buscou pensar o ser na sua manifestação e no seu dar-se, e sobretudo no seu acontecimento primevo como linguagem originária ao ser humano que lhe cuida e vocaciona, vê-se – defronta-se, por assim dizer, ante o platonismo desde o seu início, quando ainda se configurava como delineamento do projeto de refundamentação da ontologia em bases fenomenológicas, com lastro histórico na mística medieval e na pesquisa do que o filósofo alemão chamou de “vivência fática” do cristianismo primitivo. O platonismo – que, aos olhos de Heidegger, afigura-se como o pensamento matriz do ocidente, a própria metafísica em sua imponência e em seu momento de surgimento - postou-se desde sempre, para ele, como espectro modelar da tradição filosófica ocidental, tanto quanto *λογος* incontornável do ente que descarta a questão do sentido do ser¹.

Para bem entender e expor, de maneira apropriada, nossa visão acerca do diálogo e do “embate” entre Heidegger e Platão, e sobretudo para clarificar e situar a leitura que o primeiro faz da Alegoria ou Mito da Caverna, é necessário tecermos um breve panorama de seu pensamento, de sua proposta e projeto, para então pontuarmos sua releitura do Mito – que, em nosso entendimento, está perfeitamente situada dentro de seu projeto geral de filosofia, na verdade nem poderia ser entendida fora dele - e ainda concluirmos nosso próprio posicionamento ante tal releitura. Assim, nossa exposição desta noite será pautada por quatro pontos: (1) Uma brevíssima visão de conjunto do pensamento heideggeriano; (2) Em que momento, dentro deste panorama da filosofia de Heidegger, está situada sua leitura da Alegoria da Caverna, e qual sua função dentro do projeto heideggeriano como um todo; (3) Os três tópicos principais desta leitura da Alegoria: a noção de *παιδεια*; a (re)conceituação de *αληθεια*; e o ensinamento soteriológico – que será afinal o ponto em comum no projeto dos dois filósofos; (4) Por fim, tendo em vista o papel atribuído por Heidegger à arte, bem como a função que esta desempenha dentro de seu pensamento – em decorrência de seu conceito de

¹ Cf. SAFRANSKI, R. Heidegger – Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal, São Paulo: Geração Editorial, 2000, p. 260-263. Para a relação do pensamento heideggeriano com a mística medieval e com o cristianismo primitivo, vide FRANCK, D. Heidegger et le christianisme – L’explication silencieuse, Paris, P.U.F, 2004, p. 107-124; HEBECHE, L. O Escândalo de Cristo – Ensaio sobre Heidegger e São Paulo, Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 89-138; 179-218; ECHAURI, R. Esencia y Existencia – Ensayo sobre Heidegger y la ontologia medieval, Editorial Cudes, Madrid, 1991; OTT, Hugo Las raíces católicas del pensamiento de Heidegger in CORDON, J.M.N. e RODRIGUEZ, R. (orgs.) Heidegger o el final de la filosofia, Editorial Complutense, Madrid, 1993; SIKKA, S. Forms of Transcendence – Heidegger and medieval mystical theology, New York, State University Press, 1997; CAPUTO, J. Heidegger and Aquinas – An Essay on Overcoming Metaphysics, Fordham University Press, New York, 1982.

αληθεια - tentaremos tecer algumas conclusões pessoais sobre a leitura. É claro que, ante a medida de tempo de que dispomos, cada um destes tópicos não poderá ser apresentado em profundidade. Tão-somente iremos pontuá-los de forma breve, assim como também não poderemos abordar vários outros tópicos de relevância. Tivemos de ser seletivos. Não poderemos, por exemplo, abordar o relato da Alegoria da Caverna em si, daí pressupormos que todos já o conheçam e estejam bem familiarizados com ele. E vários outros tópicos da interpretação heideggeriana do Mito vão ficar de fora (como, por exemplo, a abordagem de εἶδος e de ἰδέα; a noção de περιαγωγή relativa ao homem todo, em sua essência; a conceituação de το αγαθον – tópicos fundamentais, sem dúvida), e mesmo aspectos essenciais da filosofia de Heidegger – e até do platonismo - deverão ficar de fora também. Vamos então ao primeiro ponto da nossa exposição desta noite: um breve panorama do pensamento heideggeriano².

1. Heidegger: o projeto de (re) fundamentação da ontologia

A filosofia heideggeriana trata do Ser, vale dizer: move-se fundamentalmente no âmbito ontológico, dentro da temática traditiva da metafísica. Heidegger entende, primordialmente, que o pensamento do Ser foi esquecido pela tradição filosófica do Ocidente desde a época clássica grega, tendo decaído para deter-se nos entes e em seu λογος. Nesse sentido, toda a trajetória da metafísica ocidental é a trajetória do esquecimento do Ser. Seu projeto filosófico será, portanto, o de recuperar o que entende por pensamento originário do Ser, a experiência ou vivência de se pensar o Ser não transmutado e/ou determinado em ente, mas Ser. Uma das melhores caracterizações, sucinta e precisa, do pensamento heideggeriano aparece em uma das obras de alguém que não nutria simpatia alguma pela filosofia heideggeriana: Padre Lima Vaz. Ele a apresenta como “um pensamento complexo e profundo (...) que se entrega decidida e permanentemente à busca de um ‘outro começo’, que seja um ‘passo atrás’ com relação ao passo inicial da Metafísica.”³ Ao nos depararmos com a filosofia heideggeriana e examinarmos sua trajetória, verificamos que ela compõe um todo em seqüência decorrente, como projeto

² Com vistas a uma introdução e exposição mais extensas do pensamento heideggeriano, referenciamos algumas das obras fundamentais à nossa presente apresentação: INWOOD, M. Heidegger, São Paulo: Loyola, 2004; CASANOVA, M.A. Compreender Heidegger, Petrópolis: Vozes, 2009; STEIN, E. Introdução ao pensamento de Martin Heidegger, Porto Alegre: Edipucrs, 2002; DUBOIS, C. Heidegger: introdução a uma leitura, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005; PÖGGELER, O. A Via do Pensamento de Martin Heidegger, Lisboa: Instituto Piaget, 2001; CAPUTO, J. Desmitificando Heidegger, Lisboa: Instituto Piaget, 1998; RICHARDSON, W.J. Heidegger – Through Phenomenology to Thought, 2ª edition, Martinus Nijhoff, The Hague, 1967; MATTÉI, J-F. (coord.) Heidegger – L’enigme de l’etre, Paris, P.U.F., 2004; SCHNELL, A. De l’existence ouverte au monde fini – Heidegger 1925-1930, Librairie J. Vrin, Paris, 2005.

³ LIMA VAZ, H.C. Antropologia Filosófica – volume I, São Paulo: Loyola, 1991, p. 253

delineado desde seu início. Mas essa visão não é dada pela apresentação cronológica, e sim pelo seguimento das etapas que propriamente se desvelam a partir de seu marco fundante: *Sein und Zeit*, de 1927⁴. É tendo o tratado fundamental como vértice do pensamento de Heidegger, e atentando-se a tal centralidade no âmbito do pensamento heideggeriano enquanto projeto, que poderemos entender o período anterior – a preparação para o estabelecimento do projeto de refundamentação da ontologia em bases fenomenológicas – e evidentemente suas decorrências na fase posterior, em consecução e realização das grandes teses de *Sein und Zeit*.

Mas o que afinal propõe o tratado seminal, marco de estabelecimento do pensamento originário que busca o acontecer primordial e evento fundante do Ser, sempre um passo além de sua fundamentação? As teses principais de *Sein und Zeit* compõem, em realidade, o estabelecimento do projeto heideggeriano de fundamentação da ontologia na facticidade e que, como já mencionamos, estavam presentes desde seu início⁵; ou, na definição tornada referencial pelos estudos recentes: ontologia com base na hermenêutica da facticidade. *Sein und Zeit* inicia-se com a tese central a que anteriormente aludimos, qual seja, o entendimento de que a busca metafísica, desde os tempos de Platão e Aristóteles, caíra no esquecimento do Ser⁶. Torna-se pois necessário retomar, repropor ou ainda vivenciar a busca pela experiência originária de se pensar o Ser, não na entificação que enseja a lógica do real, mas em seu dar-se como evento único e principal, tornando-se imperativo “desconstruir a metafísica” em suas bases e momentos históricos. Tal projeto deverá levar em conta que o Ser é compreendido a partir daquele ente único que o interroga e busca - o ser humano. Em sua vivência como ser-que-aí-se-dá/está – *Dasein* - como ser situado, como ser-no-mundo, no qual os fenômenos mostram-se à sua intencionalidade enquanto possibilidades de manifestações do Ser, o ser humano abre-se a estas como existência que, ante a angústia de sua própria finitude, descobre-se como autêntica [ao assumir a finitude (e portanto a morte)] ou refugia-se na inautenticidade [ao se fechar às possibilidades do Ser]. O existir é dado e vivenciado enquanto possibilidade assumida como de-cisão, ou seja, como um deixar-se cingir, ou tomar-se, pelo Ser face à

⁴ Embora reconheçamos pontos de contato com as apresentações do desenvolvimento do projeto heideggeriano nas obras de CASANOVA (Op. Cit., p. 15-40) e PÖGGELER (Op. Cit., p. 21-29), nosso entendimento – e presente exposição – quanto à origem, delineamento e consecução do pensamento de Heidegger guarda maior proximidade com o pioneiro estudo do jesuíta brasileiro João A.A. MAC DOWELL *A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger*, 2ª edição, São Paulo: Loyola, 1993 (vide p. 13-35).

⁵ Cf. alguns dos textos heideggerianos imediatamente anteriores ou paralelos ao tratado central: *Der Begriff der Zeit* (1924); *Phänomenologie und Theologie* (1927).

⁶ “Die genannte Frage (nach dem Sinn von Sein) ist heute in Vergessenheit gekommen” - *Sein und Zeit*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 17. Auflage, 1993, p. 2. Ressalte-se que, em sua amplitude lexical, *Vergessen* comporta, para além da mera ausência de lembrança precisamente localizada ou datada, igualmente o matiz da perda da proximidade afetiva ou intimidade, o que Heidegger irá conceituar, posteriormente e sob influência kierkegaardiana, como uma das tonalidades afetivas fundamentais – cf. sua preleção de 1929 *Die Grundbegriffe*

angústia da finitude, vivenciando tal decisão na temporalidade, que se revela afinal como o horizonte do sentido do Ser, manifesto e desvelado na linguagem e na palavra que se dirige ao ser humano e o vocaciona ao cuidado do Ser. A refundamentação da ontologia, ou do pensamento do Ser, terá como base a facticidade na acepção do olhar fenomenológico, o qual situa a existência na mundanidade como um dado bruto e inalienável, um dar-se e aparecer, um mostrar-se, numa palavra: fenômeno, pelo que recorre Heidegger ao instrumental da fenomenologia de seu mestre Edmund Husserl. Desde a obra sobre Duns Scott (1916), até *Sein und Zeit*, que vem a ser a culminância da re-posição (em outro termo: refundamentação) da pro-posta da pergunta pelo Ser, o projeto consuma em via dupla o itinerário de desconstrução da senda percorrida pela metafísica ocidental⁷, para então acorrer à via originária do pensamento fundante. Assim se esboça e toma corpo o projeto heideggeriano, explicitado e consumado em suas três etapas: a) Período de delineamento do projeto [que bem pode ser classificado como kierkegaardiano, abrangendo o decênio pré-*Sein und Zeit* (1916-1926)]; b) O momento fundante e de estabelecimento do projeto: *Sein und Zeit* (segunda metade dos anos 20); c) Período de consecução e execução do projeto: [com influência maior de Nietzsche (1930 em diante)].

Em realidade, ao entender que a busca/pergunta pelo Ser caíra no esquecimento, Heidegger propôs que o pensamento do Ser terminou por se converter em postulação do questionamento acerca do ente, tratando a questão do Ser como sendo o esquadramento do ente na temática do esse; como algo a ser evidenciado e descoberto após o transcurso da investigação dos fenômenos, compondo a essência dos entes. Há pois uma essência a se evidenciar como real fundamento dos entes, e tal situa-se para além da factualidade e dos fenômenos, “por trás” ou “para além” da realidade que aparece, ou seja: metafísica. Heidegger afirmara, no início de *Sein und Zeit*, que tal pensamento constitui o próprio fio condutor da história do pensamento no Ocidente, o que equivale a dizer que a filosofia inicia e toma corpo enquanto pensamento metafísico. Dado que, segundo nosso autor, a metafísica começa com Platão, é pois no platonismo que a filosofia tem seu início propriamente. Por conseguinte, no transcurso do pensamento ocidental, o platonismo - pensamento da essência entitativa e do ente - assumirá (sobretudo pela influência do cristianismo) junto ao ente a postulação da divindade como essência metafísica da realidade, a qual, fundamentada e estruturada nas (e pelas) ideias divinas, espelha e exemplifica a mens divina (a metafísica exemplarista presente em

der Metaphysik – Welt, Endlichkeit, Einsamkeit, para a qual nos servimos da edição brasileira *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica – Mundo, Finitude, Solidão*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 5-9.

⁷ Cf. *História da Filosofia – De Tomás de Aquino a Kant*, tradução brasileira de Enio Giachini, Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-9; 23-24. Preleção apresentada por Heidegger no inverno de 1926/1927, em Marburg.

praticamente todos os sistemas cristãos). Nesse sentido, o pensamento se constitui e toma forma como metafísica de caráter onto-teo-lógico⁸. Não podemos, como já anteriormente colocamos, aprofundar nossa exposição quanto a tal estratificação do pensamento de Heidegger, mas neste preciso tópico tão-somente pontuamos que, em nosso entendimento, Heidegger irá recuperar, um a um, os elementos que compõem o itinerário da metafísica ocidental, no pensamento que se pretende a recuperação da vivência originária do Ser, ou seja, na quadratura do mundo, onde temos, perante a divindade (Θεός), o ser humano (ο οντος, ou ente, primordialmente voltado ao Ser) em linguagem responsiva (λογος : morada do ser = Terra e Céu)⁹. É aqui, precisamente na caracterização da metafísica como onto-teo-lógica, que iniciamos o segundo tópico de nossa exposição.

2. A leitura do mito da caverna dentro do projeto heideggeriano

A alegoria ou mito da caverna de Platão, enquanto narrativa de libertação do mundo rumo à Luz superior que se demonstra (e evidencia-se) iluminando as realidades inferiores, compõe, por assim dizer, o relato arquetípico da herança onto-teo-lógica de que se nutrirá o curso metafísico do pensamento ocidental, perfazendo influência permanente, de modo determinante e a partir do agostinianismo e da escolástica medieval, nas filosofias do início do período moderno (“idéias claras e distintas”), bem como ainda no período de sua cristalização (transcendentalismos vários), e até mesmo nas suas antíteses (filosofias da ilustração). Portanto, é em pleno percurso da desconstrução da metafísica ocidental que Heidegger se detém na Alegoria da Caverna. Nesse sentido, a função da leitura heideggeriana é a de ilustrar a transmutação do pensamento originário do Ser (e seu aparecimento em desvelamento), para pensamento da evidência da essência. Assim, ante o breve panorama que traçamos da filosofia heideggeriana, e já clarificado o lugar que nele ocupa a interpretação da Alegoria da Caverna, podemos rapidamente passar para nosso terceiro ponto.

3. A interpretação da alegoria: platonismo e fenomenologia¹⁰

⁸ Cf. Die Onto-Theo-Logische Verfassung der Metaphysik in Identität und Differenz, Neske, Pfullingen, 1990 (neunte auflage), p. 49-50, texto no qual Heidegger confronta-se com o pensamento de Hegel (que ressoa como a consumação da metafísica iniciada por Platão).

⁹ Cf. Die Sprache in Unterwegs zur Sprache, Neske, Pfullingen, 1959, p. 22 (Reunião de conferências que, embora não seja o último trabalho publicado de Heidegger, compõe o texto que visualizamos como culminância de seu projeto filosófico).

¹⁰ Para um aprofundamento a respeito da interpretação heideggeriana da filosofia platônica, vide SERON, Denis Le Problème de la Métaphysique – Recherches sur l’interprétation heideggerienne de Platon et d’Aristote, Éditions Ousia/Librairie J. Vrin, Bruxelles/Paris, 2001 (para nosso tema, especificamente as p. 204-219), originalmente a tese de doutorado do autor.

Heidegger postula, logo no início de seu texto *Platons Lehre von der Wahrheit*¹¹ - texto de sua fase pós-Ser e Tempo, portanto da consecução/execução do projeto de refundamentação da ontologia - o âmbito de sua recepção da Alegoria: conhecimento como domínio e técnica. “Comumente, os conhecimentos das ciências são expressos em forma de sentenças e apresentados ao homem como resultados apreensíveis para a sua aplicação”¹². Trata-se do conhecimento como adequação a uma essência ou a um fundamento que não se evidencia em si e em seu aparecer, mas sim na adaptação e no domínio de técnica de formação. Como anteriormente ressaltamos, nossa apresentação da interpretação heideggeriana estará centrada em determinados conceitos basilares, especificamente com base em três pontos-chaves, com os quais intentamos clarificar, em suas linhas diretivas, a leitura que Heidegger leva a efeito da Alegoria: a) Noção de *παιδεια*. Segundo Heidegger, a alegoria evidencia que a libertação da caverna consiste em trans-formar-se e adaptar-se, por diversos graus e etapas sucessivas, à forma da essência que se evidencia como o real e verdadeiro: “... a alma, com paciência e com os passos seqüenciais adequados, deve acostumar-se ao âmbito do ente ao qual está exposta”¹³. Assim, a *παιδεια*, ou formação, não diz respeito unicamente ao processo de mudança do ser humano para se readaptar à nova fonte de luz e verdade, mas sim, e principalmente, à nova forma que fornece o “empuxo” ao movimento de ascensão rumo à libertação. *παιδεια* é, ao mesmo tempo, formação e molde, ou formar segundo um molde. Moldagem e adequação segundo uma dada essência, que conduzirá à nova realidade o olhar em formação: “A verdadeira formação (*παιδεια*) apanha e transforma a própria alma na totalidade, alocando o homem antes de tudo em seu lugar essencial e com ele acostumando-o”¹⁴. Conhecer é essencializar/formar, a partir da ausência de formação (*απαιδευσια*), segundo o molde fornecido. Desenvolver rumo à essência pré-moldada e ainda não tornada real¹⁵; b) Noção de *αληθεια*. Heidegger resalta que a verdade à qual é liberto o preso na caverna corresponde ao termo grego *αληθεια*¹⁶, esmiuçando a etimologia para ressaltar que, com o “a” privativo, o termo corresponde ao (ato de) desvelamento. Portanto, para o pensamento grego, a verdade (que é a tradução, via o termo latino *veritas*, de *αληθεια*) é desvelamento, um ato mais que um resultado, um movimento mais que um ente, um vivenciar mais que uma evidência

¹¹ Não nos foi possível o acesso ao texto original alemão. Valemo-nos, aqui, da tradução brasileira de Ernildo Stein e Enio Giachinni, publicada como *A teoria platônica da verdade* in HEIDEGGER, M. *Marcas do Caminho*, Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 215-250.

¹² *Idem*, p. 215

¹³ *Idem*, p. 228

¹⁴ *Idem*, p. 229

¹⁵ *Idem*, p. 229-230; 234

¹⁶ *Idem*, p. 230-231

demonstrada¹⁷. Entretanto, segundo Heidegger – e aqui o ponto fulcral de sua interpretação da Alegoria – o ensinamento do relato postula que a libertação se dará somente na essencialização e moldagem segundo a verdade tornada evidente e em si, ou seja, entificada e essencializada. O resultado é que o conceito de verdade como evidência, à qual se adéqua e molda aquele que por ela busca, vai imperar e condicionar toda a busca metafísica do ocidente¹⁸. c) O ensinamento soteriológico do Mito da Caverna. Ante o ensinamento central da Alegoria, qual seja, o de libertação da realidade aparente limitada para o conhecimento da essência da realidade primordial e originária, máxime verdadeira; e à luz de seu projeto como um todo, podemos entender que, afinal, Heidegger como que inverterá o ensinamento platônico, para trazer a libertação e resgate não à essência “desencarnada” e “supra-sensível” (vide Fédon), mas sim ao mundano e factual; ao visível e ao mostrar-se; ao fenômeno mais que à essência, à evidência mais que à evidência. Podemos afinal dizer que temos um como que platonismo “revertido” (e não invertido, como em Nietzsche). Tentemos uma breve elucidação, quanto a tal propósito específico, da amplitude do projeto heideggeriano.

3.1. Facticidade, verdade e autenticidade

A par da releitura histórica, a hermenêutica da facticidade trabalhada por Heidegger assenta-se na descrição e análise da existencialidade humana enquanto dada e “jogada” (projetada) aí-mesmo. Tal vem a ser a analítica existencial da condição humana enquanto Dasein-In-der-Welt. No proceder a análise a partir da condição de ser(estar)-aí-no-mundo própria do humano, Heidegger situa a mundanidade como locus originário não somente da possibilidade de se buscar e escutar o Ser, mas igualmente do desvelar-se deste enquanto experiência de dar-se e abrir-se do (e ao) Dasein às suas manifestações e mostrações. A verdade é vivenciada enquanto de-cisão do Dasein assumida ante a possibilidade de encontrar-se em Das-Man. Mas a própria possibilidade ex-põe o Dasein à angst de não se de-cidir, ou seja, de não se cingir pelo Ser e permanecer no Man. Verdade e angústia compõem, assim, possibilidades de autenticidade e inautenticidade. O Dasein vivencia a verdade enquanto sua possibilidade de de-cisão e desvelamento do Ser. Nesse sentido, enquanto concretização da releitura histórica [ao mesmo tempo vértice teórico na (re)fundamentação da ontologia fenomenológica], a interpretação heideggeriana resulta, pois, numa recuperação em reverso do ensinamento soteriológico da Alegoria da Caverna: o desvelar-se do Ser compõe a autenticidade do Dasein que assume a

¹⁷ Idem, p. 234-235

¹⁸ Idem, p. 236-237

facticidade/mundanidade não como inautenticidade, ou seja, não como a demonstração pedagógica formadora da verdade (ensinamento axial na Alegoria, e característica central do platonismo) que se lhe exterioriza o Ser como fundamento além-do(ser-no)-mundo [metafísica onto-teo-lógica], porém como autenticidade que permanece à escuta e espera do mostrar-se (*αληθεια*) libertador e resgatador, por parte do Ser, na própria facticidade e mundanidade vivencial do *φαινουμενα*. Com o fito de clarificar e simplificar nossa tentativa de exposição da “reversão” heideggeriana da Alegoria, podemos igualmente tentar o seguinte esquema de correspondência em contraposição:

A ALEGORIA REVERTIDA: ALETHEIA E PAROUSIA

- a) Contraponto da evidência e demonstração: facticidade e mostração
- b) Contraponto da formação e pedagogia ilustrativa: angústia e de-cisão
- c) Contraponto da luz e dialética: desvelamento e expectação presencial
- d) Contraponto de ideia e essência: mundanidade e fenômeno

4. Considerações finais

Na interpretação que leva a efeito da Alegoria da Caverna, Heidegger termina por ressaltar que a plasticidade, ou o realismo pretendido por Platão na narrativa, deve-se ao fato de procurar evidenciar muito mais o fogo que sua claridade; o sol mais que a luz a brilhar; ou ainda o lume mais que a iluminação; o fato mais que o fenômeno, o conteúdo mais que o evento¹⁹. Procura-se com isso “localizar”, não o âmbito onde a verdade se dá e ocorre, mas sim o fato da verdade tomada em si. Mais que o encontro ou evento da aparição da verdade, ressalta-se a própria verdade como aquilo que foi encontrado, evidenciado por si; ou como o objeto conquistado, ou ainda como a verdade independente da busca e atitude intencional de quem por ela procura; evidenciada de per si, estabelecida e entificada em si. Um ente à parte, por si e em si... Coisa em Si! Para Heidegger, a finalidade da alegoria é evidenciar a verdade, tornando-a mais importante como ente em si, terminando por entificá-la. Importa muito mais a verdade encontrada como fato estabelecido – ente encontrado – que o caminho de busca, o ato de intencioná-la, a ocorrência de seu evento, seu dar-se e aparecer. Não é a verdade um evento ou aparecer, mas sim um ente a se descobrir. Em suma: a verdade é, enquanto ente, mais importante que seu evento ou sua manifestação. É certo que poderíamos imaginar um platônico

¹⁹ Idem, ibidem

defendendo a narrativa do mestre e criticando, de pronto e com indisfarçado desprezo, a interpretação heideggeriana tal como a entendemos e tentamos aqui expor, a qual torna a vidência do ver fenomenológico mais importante que a evidência do evidenciado! E, num certo sentido, não foi esta a crítica de Frege a Husserl? Não foi esta também a crítica de Carnap e seu círculo a Heidegger? Ou a crítica célebre de Gilbert Ryle no debate com Merleau-Ponty? E não é também desse naipe a crítica de Apel a Derrida? Não foi esta sempre a crítica, por parte da “clareza e objetivação” da verdade, face ao que se entendeu como fugidio, quando não relativismo, frente a ela? Não foi sempre, em suma, a pretensão de objetivar e entificar a verdade que esteve por trás das críticas à fenomenologia e, sobretudo, a Heidegger? Não é a pretensão da posse afinal (“localizar” ou objetivar é, de certa forma, tomar e limitar...)? Em realidade, Heidegger pretende (e isto o mostram suas obras maduras e do “final de execução” do projeto de refundamentação da ontologia) fazer valer - recuperando o que acredita ser o sentido originário de *αληθεια* - que veritas compõe o ato do ver, e não a evidência; do que se dá a desvelar-se, e não a conhecer-se. Mais que um ente se permitir ser conhecido e tomado; e mais que cientificar-se ao que lhe busca, o fenômeno aparece e desvela ao que se permite o interrogar-se e a interpelação; ao que luta e permeia a verdade; ao que caminha em luta pelo desvelar-se, busca-o e “dispõe-se à vida e à morte” ante ele. Ao que se destina e se lança ao desvelar-se e desvelar a ocorrência/eventuação ante si mesmo. Desvela-me a ti mesmo, mais que conhece-te. Para tal, nas obras de consumação, Heidegger acena à arte e à mística como as instâncias de ocorrência da eventualização e desvelamento do Ser ante o Dasein²⁰. Não é no refulgor da evidência científica que se acessa o Ser, mas sim no desvelar-se em enigma (Jaspers dirá Cifra), que compõe o acontecimento que se me dá e pelo qual luto (“E para se entrar no Reino têm-se usado força” – Lucas 16:16)²¹. Na arte, ou no não-discurso, na não-evidência, no claro-escuro da cena e do acontecer, é que se me dá a *αληθεια*.

Por fim, podemos no final de nossa exposição dessa noite, ponderar a respeito da colocação de Heidegger de que somente na arte e na mística se encontra o desvelar-se autêntico do Ser. Não podendo de ambos tratar, aqui nesta noite, vamos pois nos restringir à arte. Se estivéssemos ante um público de teólogos e religiosos, trataríamos da mística, mas vamos hoje tratar da arte. Mas, se é na ex-pressão artística que me tenho no Ser, como desvelar-se-me ante o acontecimento e o evento de sua ocorrência, se não há mais caminhos, se não há mais

²⁰ Heidegger publicou em 1952, anteriormente portanto à já mencionada reunião de conferências e entrevistas lançada sob o título *Unterwegs zur Sprache* (vide nota 11), um texto que viria a se tornar célebre e ilustrativo de sua posição a respeito: *Der Ursprung des Kunstwerkes*, Vittorio Klostermann GmbH, Frankfurt, 2. Auflage, 1980, p. 92-106. Para um estudo mais avançado e pormenorizado, vide NUNES, Benedito *Passagem para o poético – Filosofia e poesia em Heidegger*, São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 249-278

²¹ A teoria platônica da verdade, *Op.Cit.*, p. 235

liberdade e autenticidade, ou seja, se não há mais arte autêntica?... Em nosso tempo, talvez possamos incisivamente dizer que a única forma autêntica de arte que ainda nos resta é o teatro, não por acaso arte primeva e originária. É na cena, é no palco, é no ato, que se desvela o ser. É no ato em carne que se nos desvela o acontecimento do ser! Porque o teatro é carne, e o cinema é plástico... Porque o teatro é Imago, imagem, magia e êxtase, ao passo que a letra mata... Porque o teatro é vida, e a poesia virou letra morta, os morangos mofaram... Porque o teatro é ato, é transitus, e enquanto que a estátua é de sal, parada no tempo... Porque o teatro é arte, e o demais é simulacro... Mas se não há mais arte autêntica, estamos todos perdidos? Talvez não... Se, como nos disse Heidegger, aludindo a Platão (Fédon), “só um Deus pode nos libertar”, então talvez tenhamos de nos remeter ao início de nossa semana, com o imediato de Santo Anselmo em seu argumento único: o imediato que está-aí, e não se nos desvela porque, em verdade, já nos é próprio, e “nele já estamos e nele nos movemos” (Atos 17:28). Não nos tornamos - como queriam, cada qual à sua maneira, Heidegger e Platão – autênticos, pois já estamos no ser, já somos. O Absoluto é-nos imediato. O ensinamento soteriológico, tanto na metafísica platônica quanto na ontologia fenomenológica heideggeriana, trata de trans-por o humano em sua imediata conditio perennis, tal qual Nietzsche vislumbrou em seu Übermensch, cuja destinação e traço metafísicos o próprio Heidegger “denunciou”. Deixemos pois uma questão final: a reversão do ensinamento soteriológico na interpretação da alegoria não evidencia, afinal, que Heidegger termina por praticar uma espécie de metafísica invertida, tal qual o platonismo invertido que “denuncia” em Nietzsche?